

Os Garotos do Brasil

*“Em futebol, o pior cego
é o que só vê a bola”*

Nelson Rodrigues

ELE, PELÉ – DISSE EDSON

O que um acha do outro e o que nós achamos dos dois

Quando se atenta para certos aspectos da biografia de Pelé – aquela que, por mais e excelentes livros a seu respeito, ainda não foi escrita –, conclui-se que, pelo menos no começo, não se tratava de uma múltipla escolha. As coisas precisariam ter sido exatamente como foram para que ele deixasse de ser Edson – Edson Arantes do Nascimento, você sabe – e se tornasse Pelé.

Por exemplo: em 1956, aos 15 anos, Edson saiu de Bauru rumo ao Santos. Tinha canelas finas e usava calças curtas. Mas, ao apresentar-se no clube, Pelé já lhe tomara o lugar e o fizera vestir suas primeiras calças compridas – que Edson deve ter estranhado, talvez por ainda não se sentir adulto para merecê-las. Foi dada a Pelé a escolha de morar nas próprias dependências do Santos, mas Edson não aceitou – tinha prometido aos pais ficar na pensão de uma senhora conhecida deles. Seus colegas de clube deviam se maravilhar ao ver, todos os dias, Edson saltar do bonde, vestir o uniforme e entrar em campo como Pelé.

Dois anos depois, artilheiro pelo Santos, campeão do mundo pela Seleção e tendo deixado a Europa mesmerizada, Pelé podia comprar quantos apartamentos e carros quisesse. Mas, por causa do Edson, continuava a morar na pensão e a andar de bonde.

Pelé tinha voz grossa, mas quem falava por ele ainda era o infantil Edson. Na Seleção, os mais velhos viviam lhe perguntando o nome de uma fruta que começasse com M, apenas para ouvi-lo dizer “Minduim”. Ou se já tinha se acostumado a viajar de avião, para que respondesse: “Não, eu não me adapito”. A rigor, naquele tempo, Pelé não podia nem ser jogador profissional, porque

Edson ainda não tinha o documento do serviço militar – serviço este que ele, mesmo sendo Pelé já o maior jogador do mundo, Edson teve de prestar em 1959, sem contemplação.

Em 1958, na Seleção que disputou a Copa da Suécia, Pelé já estava sendo chamado de “rei” pela revista *France Football*. Mas, como Edson ainda não completara 18 anos, Pelé não podia entrar num cinema no Brasil e assistir a *E Deus... criou a mulher*, filme de Brigitte Bardot impróprio para menores, lançado naquela época. Ou numa boate do Rio ou de São Paulo para ouvir seu ídolo Agostinho dos Santos e lhe pedir um autógrafo. Ou sentar-se no botequim da esquina e pedir uma Caracu.

Corte para apenas três meses depois. De repente, mal tendo chegado aos 18, Pelé já podia entrar em qualquer boate do planeta, e sem pagar – quem ousaria cobrar dele? Se quisesse ouvir Agostinho dos Santos ou qualquer cantor, estes é que iriam aonde ele estivesse e lhe pediriam um autógrafo. E não precisaria ir ao cinema para ver Brigitte Bardot porque, numa daquelas primeiras excursões do Santos a Paris, quem sabe não teria conhecido a própria Brigitte e até, quem sabe, rolado um namoro? (Mas imagine se, por uma involuntária e cruel troca de identidades, quem namorasse Brigitte fosse Edson e não Pelé?)

O fato é que, a partir daí, não houve mais retorno. Pelé foi passando de ano, todos os anos, enquanto Edson ficou para trás. Isso acontece entre amigos, irmãos ou marido e mulher, e, às vezes, a separação é inevitável. Mas, e quando os dois convivem em um só? Em muitas ocasiões, Pelé deve ter perdido a paciência com Edson por ele, Edson, não ser Pelé. E só Pelé sabe quanto lhe deve ter custado carregar Edson nas costas enquanto se tornava o maior jogador da História, o atleta do século e outras façanhas com que Edson nem sonhava.

O interessante é que, só depois que Pelé pendurou de vez as chuteiras, as pessoas se deram conta de que ele falava de si na terceira pessoa, chamava a si próprio de Pelé. Mas não era ele quem

estava falando, era Edson. E nem podia ser diferente. Edson sempre se referiu a Pelé como um ser à parte, definitivamente outro, porque era isto o que ele era. E que continuou a ser depois que Pelé, já de terno e gravata, passou de gênio a mito, viajando pelo mundo, recebendo homenagens, fechando contratos, namorando milhares.

Até hoje, quem faz tudo isso é Pelé. Edson vai junto, mas sem direito a voto. O que, para Edson, é normal, porque ele nunca ousaria se pôr na pele de Pelé. Aliás, os dois não se confundem nem na declaração do imposto de renda – Pelé é o patrão; Edson, claro, um reles funcionário. Ainda que muito bem remunerado.

Não, Edson não é a identidade secreta de Pelé. É apenas seu maior fã.

Pelé é o desmentido vivo a uma lenda que corre há décadas sobre a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, e que, por mais contestada, vive sendo repetida. A de que a Seleção Brasileira que disputou aquela Copa era racista, sempre escalando um branco no lugar de um jogador negro.

Foi assim, dizem, que, ao se iniciar a Copa, o lateral-direito era o branco De Sordi, do São Paulo, e não o negro Djalma Santos, da Portuguesa; o ponta-direita era o branco Joel, do Flamengo, e não o caboclo Garrincha, do Botafogo; e o meia-esquerda era o branco Dida, também do Flamengo, e não o negro Pelé, do Santos. Todos os outros titulares eram brancos, exceto o maestro do time, o meia Didi, do Botafogo – porque seu reserva, Moacir, do Flamengo, também era negro.

Bem, se havia todo esse racismo e nenhuma intenção de escalar os negros, por que estes foram levados para a Suécia? Pelé, por exemplo, poderia ter sido cortado. Às vésperas do embarque da Seleção, num jogo-treino contra o Corinthians, no Pacaembu, ele sofreu uma entrada do zagueiro corintiano Ari Clemente que,

a rigor, o tirava da Copa. Não teria como se recuperar a tempo de treinar e jogar.

O Corinthians lutara pela convocação do seu próprio meia, o marrento Luizinho, o “Pequeno Polegar”, ídolo da torcida. Bem, se havia racismo, porque a Seleção não cortou o contundido Pelé e convocou o branco Luizinho? Mas a Seleção fez diferente – ignorou Luizinho e insistiu em levar Pelé, na esperança de que se recuperasse em meio à Copa. O que aconteceu. Pelé se recuperou, entrou na terceira partida, contra a URSS, e o resto é História.

A posteridade se esquece de que De Sordi, Joel e Dida também eram grandes jogadores. Aliás, o Brasil teria sido campeão mundial em 1958 mesmo jogando com a Seleção que, no final, se revelou reserva: Castilho, De Sordi, Mauro, Zózimo e Oreco; Dino Sani e Moacir; Joel, Mazzola, Dida e Pepe – que timaço.

Cada época produz o seu novo Pelé ou um candidato a. Durante grande parte do século XXI, o novo Pelé foi Lionel Messi. Não se podia ligar a TV, abrir um caderno de esportes ou tirar a sorte no periquito sem ouvir ou ler sobre a última façanha de Messi. Recordes, quebrava um por semana – um deles, o de espirros em jogos da Champion’s League. Até o meu amigo Hans Henningsen, o “Marinheiro Sueco”, que, como homem forte da Puma nos anos 70, dava ordens em Pelé, Cruyff, Beckenbauer e que tais, me falou de Messi com o olho rútilo e o lábio trêmulo. Está bem, também me incluo entre os fãs do argentino. Só achei prematura a insistência em compará-lo a Pelé e sinto que tinha razão.

Fala-se muito da velocidade e da marcação do futebol atual, mas quero crer que, no tempo de Pelé, houvesse outras dificuldades. A bola e as chuteiras eram de couro de verdade e, a cada chute, ecoavam o último mugido do animal de que descendiam. Eram grosseiras e pesadas, e, com a grama molhada, passavam a

pesar o dobro do seu peso inicial. Os gramados, por sinal, eram uma tristeza, cheios de buracos, e os goleiros precisavam usar joelheiras. As camisas eram de uma malha que acumulava suor e também pesava no corpo – ao fim dos 90 minutos, era como se cada jogador estivesse carregando um companheiro nas costas. Imagine a diferença que isto faria, digamos, nas cabeçadas, na quantidade de esforço para a impulsão.

Antes de 1970 (e Pelé começou em 1956), não existiam os cartões amarelo e vermelho. Os adversários não o poupavam. Na verdade, nem precisavam se revezar para acertá-lo ou puxar-lhe a camisa, porque os juízes não tinham como contar o quanto cada um batia. Pelé apanhou tanto que precisou aprender a bater. É irresistível imaginar como seria se, desde o começo, ele tivesse desfrutado dessa emenda à regra, que tanto beneficiou os artilheiros e dribladores – ou os adversários o deixavam jogar ou seriam expulsos, pela quantidade de faltas sobre ele.

Não havia a televisão como hoje. Os times enfrentavam adversários que nunca tinham visto jogar. Nenhum atacante sabia nada sobre o homem que iria marcá-lo – se era um jogador técnico, violento, rápido ou lento. Teria que descobrir no decorrer da partida. Hoje, antes de qualquer jogo, os 22 titulares e reservas do time X sabem tudo sobre os 22 idem do time Y e vice-versa – mesmo que esses times sejam, respectivamente, o Asa de Arapiraca e o Real Madrid.

Finalmente, Pelé jogou numa época em que tinha de dividir os refletores com gente como Garrincha, Puskàs, Di Stéfano, Didi, Bobby Charlton, Evaristo, Kopa, Fontaine, Igor Neto, Eusébio, Tostão, Gerson, Rivellino, Jairzinho, Gerd Müller, Cruyff, Neeskens e muitos mais. Cada qual era, em seu tempo, um Messi. Pelé chegou a enfrentar até o veterano Zizinho, ainda profissional (campeão paulista, pelo São Paulo, em 1957) – Zizinho era o craque que, um dia, ele quis ser quando crescesse. E os goleiros e beques que Pelé tinha de vencer eram Castilho, Yashin, Domingues, Banks, Maier, Mazurkiewicz, Zoff, Djalma Santos,